

TECNOLOGIA ILUMINANDO NOSSOS PROJETOS

Usando equipamentos a partir de conceitos ou da tecnologia que eles oferecem?

Os projetos de iluminação estão cada vez mais tecnológicos. Já era de se esperar, pois estamos vendo uma avalanche de novos equipamentos que todo dia aparecem no mercado. Muitos vêm para auxiliar nossos trabalhos ou até mesmo para criar novos efeitos, e com isso temos uma infinidade de efeitos e possibilidades. Mas pergunto: quando se pensa em um projeto de luz, você pensa no efeito que quer ou no equipamento que deseja usar?

Pergunto isso porque vejo muitos profissionais querendo trabalhar somente com equipamentos que fazem “trocen-tos” efeitos, giram, piscam, rodopiam, fazem uma festa de movimentos e cores. Sei que isso é mais comum de acontecer em shows. Claro que não é só pelos muitos efeitos, mas os efeitos visuais em um espetáculo com grande público causam um impacto visual muito grande.

Muitos destes equipamentos tornam o trabalho de montagem mais fácil e rápido. O fato das companhias estarem sempre na estrada facilita em muito nas montagens e desmontagens, mas estes equipamentos estão aqui para nos auxiliar a traduzir efeitos e conceitos que pretendemos colocar para a cena.

MATERIAIS SIMPLES, EFEITOS COMPLEXOS

Bem, vou falar e citar o que já tive que fazer e acredito que muitos já passaram por isso. Quando projetamos algo, muitas



Fig. 1 – Efeito com gobo (espetáculo Q.Q.ISS!)

vezes temos que pedir junto à produção do evento os materiais que precisamos para realizar efeitos e assim colocá-los nos conceitos que criamos para o espetáculo. Acontece que a produção nunca tem dinheiro e muitas vezes acaba sobrando para a parte técnica a questão de reduzirmos ou termos que trocar os equipamentos. Com isso, temos que “rebolar” para conseguir fazer o que queremos ou até mesmo fabricar o efeito.

Nosso querido elipsoidal, um dos refletores mais completos para os espetáculos de teatro e dança, possui alguns acessórios que nos facilitam os recortes de luz, focar ou desfocar, fachos estreitos, desenhos com gobos, uso de íris para fazer pequenos focos.

Quando queremos projetar uma janela, uma porta, ou até



Fig. 2 – Refletor Svoboda

mesmo um céu estrelado, usamos o gobo (fig.1) para fazer este tipo de efeito. Eu, particularmente, possuo alguns gobos de uso próprio, mas, dependendo do espetáculo, temos que usar uma quantidade maior e pedir a produção para adquirir, coisa que quase nunca é possível. Então, passamos sempre pela solução das latinhas de refrigerante ou cerveja, recortando tais objetos e assim fazendo alguns desenhos simples, como quadrados, círculos e, em alguns casos, estrelas.

Quem nunca aqui usou este tipo de efeito? Recortar latinhas para colocar nos elipsoidais e assim fazer aqueles facho de luz para trazer uma ideia de céu estrelado... Um efeito simples, mas que causa um desenho muito bonito no teatro, dependendo de como e onde você vai aplicar.

TECNOLOGIA A SEU FAVOR

Acredito que o mais importante é pensar no efeito que você quer, para depois pensar em quais equipamentos vai usar, buscando a tecnologia para suprir nossas necessidades. Quero citar aqui o exemplo de um grande cenógrafo checo, Josef Svoboda (1920-2002), um mais inovadores do século 20. Apesar de trabalhar com cenários, ele buscou através de projeções de filmes e luz construir espaços e estética para seus projetos.

Svoboda foi um dos primeiros a trabalhar com "luz negra" combinando com pinturas especiais para criar efeitos de fluorescência na cena. Era chamado de "O escultor da luz", pois criava desenhos e cenários usando a iluminação. Por causa da sua relação com a tecnologia foi possível criar um refletor que recebeu seu nome, "Svoboda" (fig. 2).

Este refletor nasceu da necessidade de realizar efeitos dramáticos cênicos usando apenas luz. Ele proporciona vários feixes de luz paralelos bem estreitos, formando, assim, uma cortina de luz (fig. 3). Aqui no Brasil não é comum ver este tipo de refletor, que é mais usado na Europa. Algo que se aproxima do efeito que este refletor faz seria uma bateria de PAR 56 (Loco Light), esta sim muito usada em shows no nosso país.

Josef Svoboda, buscando uma alternativa para criar efeitos, juntamente com a ADB Lighting Technologies, criou este aparato. Ele pensou primeiro no efeito que poderia ajudar, para só depois recorrer à tecnologia e assim criar algo que sustentasse suas ideias.

Mas não é de hoje que o homem busca encontrar maneiras de transpor suas ideias. Desde a Grécia vemos a criatividade do ser humano em usar elementos comuns para materializar seus conceitos.

Por exemplo, quando os espetáculos teatrais eram encenados sob a luz do sol, o homem utilizava uma tocha para simbolizar que aquela cena acontecia à noite. Este tipo de artifício é visto até hoje em espetáculos realizados em espaços abertos ou fechados.

No século 16 começa o trabalho de mudar a intensidade da luz para buscar uma dramaticidade através da iluminação. Quando o palco estava mais iluminado, referia-se a uma cena mais alegre, e quando estava mais escuro, referia-se a uma cena mais dramática, sempre buscando transparecer para o público o que o encenador queria para seu espetáculo.

Até o final do século 19 pouco se modificou no processo de iluminar um espaço cênico, a não ser por colocar algumas velas e lamparinas nas coxias e na parte superior do palco para iluminar os atores por todo o palco e colocar garrafas com líquidos coloridos na frente das velas e tochas para produzir cores. Somente no início do século 20, com a chegada da energia elétrica, houve uma revolução na forma como se ilumina.

Agora o homem tem a tecnologia para criar efeitos, iluminar o que ele quer, focar elementos em cena, criar lua, sol, entardecer, anoitecer. Agora não basta deixar o espaço cênico iluminado – é preciso significar sua luz, fazer valer a tecnologia para apoiar suas ideias. No início desta grande transformação tecnológica aparecem nomes como Stanley McCandless (1897-1967), com a publicação do livro A



Fig. 3 – Cortina de luz

Iluminando

method of lighting the stage, em 1932, considerado como bíblia dos iluminadores da época e objeto de estudo nas escolas de teatro nos Estados Unidos.

Na dança tivemos a grande contribuição de Jean Rosenthal (1912-1962), que dá importância à luz lateral, projeção em ângulo baixo e contraluz, valorizando assim a silhueta dos bailarinos. Edward Gordon Craig (1872-1966) rebateu a ideia da luz de ribalta, que ainda era muito usada no início do século 19. Ele queria uma iluminação que criasse atmosferas e efeitos plásticos (**fig. 4**) na cena. Adolphe Appia (1862-1928) distingue a luz difusa da luz concentrada. Ele era um cenógrafo que trabalhava com cenários em plataformas, escadas e colunas, onde o bailarino e ator ganhava mais expressividade com o jogo de luz.

Podemos perceber que muitos deles eram cenógrafos ou encenadores que buscavam uma forma de se expressar através da luz. Com isso, estudaram e desenvolveram técnicas para aplicar em seus espetáculos as várias possibilidades que a luz nos permite realizar.



Fig. 4 – Desenho de Edward Gordon Craig, que buscava uma iluminação que criasse atmosferas e efeitos plásticos na cena



Rodrigo Horse é graduado em Design de Interiores pela Faculdade Cambury-GO, especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Brasileira de Educação e Cultura (FABEC-GO). Professor da pós-graduação do IPOG do curso Master em Iluminação e Arquitetura e pela Faculdade Unicuritiba na pós-graduação Arquitetura de Iluminação. É iluminador efetivo da Universidade Federal de Goiás (UFG) e atua como iluminador cênico há 15 anos. Contato: contato@rodrigohorse.com.br

O MESMO DESEJO DE ILUMINAR

Podemos dizer que estamos em uma segunda fase de revolução tecnológica na iluminação. Na época dos nossos antepassados era a energia elétrica que surgia e lhe dava muitas oportunidades de criar efeitos, espaços, estéticas e conceitos. Agora temos equipamentos cada vez mais modernos e mais sofisticados para contribuir com nossos projetos. Duas épocas, duas realidades, duas revoluções na forma de se iluminar.

Alguns destes pesquisadores que citei postularam suas ideias antes mesmo da chegada da energia elétrica, mas já discutiam a necessidade de se pensar a luz, de torná-la efetiva em um processo de construção estética da imagem no palco, e hoje, quando temos muita tecnologia ao nosso dispor, internet para pesquisar e estudar, os novos iluminadores cênicos estão esquecendo da essência de iluminar um espaço, de criar um conceito. Querem fazer “pisca-pisca” no palco.

O que temos que procurar é saber o que sua luz vai significar, o que ela quer revelar e esconder para o público, o que vamos desenhar no espaço. Temos uma infinidade de equipamentos que pode nos ajudar

e que também pode nos atrapalhar. Eu já presenciei iluminadores que, ao chegarem no teatro para montar sua luz, viram que havia muitos equipamentos à disposição, e, assim, resolveram usar tudo. Depois ficaram perdidos no seu mapa de luz, já que o teatro lhes ofereceu mais refletores do que realmente precisavam.

Precisamos fazer como antigamente: pegar papel e lápis, rabiscar ideias, escrever conceitos, anotar o que se precisa em uma folha de guardanapo, para só depois partir para o projeto final, estipulando assim os equipamentos que serão utilizados.

Não podemos ser escravos da tecnologia e ficar amarrados a um sistema tecnológico que pode criar visualidades fantásticas ou cegar e alucinar a plateia com tanta luz e rodopios, capazes de atrapalhar mais do que ajudar na compreensão do espetáculo. ✨